

ENTREVISTA

Carreira – Arquitetura

1**ENTRE PARÊNTESIS**

Você também se salvaria?

5**ESPECIAL**

A prova de que ensino e diversão caminham juntos

7**CONTO**

Romantismo – Artur Azevedo

4**ARTIGO**

Músicos da USP realizam concertos com musicistas do exterior via internet em tempo real

6**POIS É, POESIA**

Cruz e Sousa

8**ENTREVISTA**

Vanessa Hatsue Chigami

“Para mim foi bom ter a disciplina de estudos diários. Tenho uma base sólida do colégio.”

Vanessa Hatsue Chigami formou-se no Colégio Etapa em 2007 e ingressou no curso de Arquitetura da USP. Agora, em seu 5º ano na universidade, está no projeto de dupla formação FAU-Poli. Serão dois anos na Poli e depois mais um ano na FAU, para completar a graduação. Seu interesse é trabalhar com a interface Arquitetura/Engenharia Civil.

JC – Quando você decidiu fazer Arquitetura?

Vanessa – Conheci a carreira aqui na Feira de Profissões, no 2º e no 3º ano, e decidi fazer. Para mim não foi uma decisão muito difícil. No 3º ano do Etapa você já pode se inscrever no curso de reforço, o RLA [Reforço com Linguagem para Arquitetura], e foi o que eu fiz.

Você entrou no Etapa em que ano?

No 3º ano do Ensino Fundamental.

Como você estudou no 3º ano do Ensino Médio, já perto dos vestibulares?

É claro que a gente intensifica os estudos. Mas, como estudei no Etapa desde pequena, sei estudar constantemente. No 3º ano não foi diferente. Ao longo do colegial, estudava todos os dias, um pouco por dia. Eu tentava aproveitar todos os simulados do Etapa, que são muitos – os obrigatórios, os abertos, os desafios. Eu participava de tudo. Era a minha rotina.

Além da Fuvest, você prestou outros vestibulares?

Prestei Mackenzie e também fui aprovada para Arquitetura.

Como foi o início na FAU?

O início de todo mundo na faculdade é uma fase nova da vida. É outra realidade. Em questão de adaptação, talvez o fato de a FAU ser baseada em projetos tenha sido uma diferença muito grande. Na Arquitetura é preciso saber lidar com grupos, trabalhar em equipe, discutir projetos. Isso foi totalmente diferente. Agora que estou na Poli, no programa de dupla formação, consigo me identificar um pouco mais com o sistema do colégio, estudando todo dia, fazendo provas frequentes.

Teve alguma dificuldade nesse início? Por exemplo, a questão da distância, o fato de o curso de Arquitetura ser em período integral?

Período integral não foi dificuldade, porque no colegial eu ficava aqui para estudar. Quanto à distância, eu tive facilidade, porque meus irmãos também estudavam na USP. Era só ir junto.

O que você estudou no curso de Arquitetura, em cada ano?

Por cima, não sei dizer cada ano – tem continuções –, mas ao longo do curso a gente vê matérias de Projeto, Planeja-

mento Urbano, Paisagismo. Arquitetura é uma mistura da Humanas com Exatas. São três departamentos: de Projetos, Tecnologia e História. O Departamento de Tecnologia é a parte de edificações. Na parte de História, a gente vê História da Arte, História da Arquitetura. Acho que o Departamento de História é o melhor que tem na FAU quanto à qualidade das disciplinas. Os professores são bons.

Como você descreve cada ano?

Acho que os anos todos da FAU são bem parecidos. No começo você tem mais os fundamentos das matérias. O mais livre foi o 4º ano. Pela grade da FAU, nele você pode pegar optativas, o que as pessoas geralmente gostam mais, porque escolhem e podem se aprofundar numa área em que tenham mais interesse.

Que característica você destaca para cada ano?

Com certeza o 1º ano é de adaptação e conhecimento da faculdade. Acho que é um ano bem legal e difícil para todo mundo. O 2º ano é uma continuação com aprofundamento do que você já viu. O 3º ano foi bem pesado, com trabalhos extensos. O 4º ano fica um pouco mais leve no segundo semestre, mas continua pesado. Mas é o que talvez eu tenha gostado mais, por poder fazer optativas.

Você fez trabalho científico na FAU?

Não pensei em Iniciação Científica. Acho que é uma coisa mais acadêmica, para as pessoas que têm interesse em entrar na área. Cheguei a pensar um pouco em fazer intercâmbio, mas desisti porque optei pelo programa de dupla graduação.

Ao longo do curso, você chegou a ter alguma dúvida sobre sua escolha de carreira?

Tem hora que bate aquela crise, tem períodos em que você fica estressada, mas eu nunca me imaginei em outro lugar, fazendo outro curso.

Você entrou no programa de dupla formação FAU-Poli. Como se desenvolve esse programa?

Quem é da Arquitetura faz quatro anos da graduação na FAU, vai para a Poli durante dois anos e volta para a FAU mais um ano. Quem é da Engenharia Civil faz três anos na Poli, dois na FAU e volta para mais dois anos na Poli.

Como é o processo seletivo para o programa de dupla formação?

Tem um período de inscrição no 4º ano. Em relação ao processo seletivo, é só se inscrever e cumprir os requisitos do programa: ter cumprido tantos por cento de matérias obrigatórias até o semestre ideal e não ter pendências até tal ano de matéria. Há 20 vagas para os dois lados. No começo do programa, sempre houve mais interesse da Arquitetura pela Engenharia, mas chegou a

ter um ano – acho que foi no ano passado – com mais participação de gente da Poli que da Arquitetura.

O que acha dessa parceria da FAU com a Poli?

Acho a parceria muito boa, mas é para pessoas como eu, que têm interesse em trabalhar com a interface Arquitetura/Engenharia Civil. Eu sempre gostei da parte de edificações e estou gostando da Poli. Espero que o que estou aprendendo seja útil no que eu pretendo trabalhar.

Neste seu primeiro ano na Poli, que matérias você teve no primeiro semestre?

Tive oito disciplinas no primeiro semestre. A mais pesada era Cálculo. Fiz Cálculo I, que é ministrada por professores do IME na Poli; fiz matérias do Departamento de Transportes, no caso Economia e Planejamento de Sistemas de Transporte. Cheguei a fazer matérias da Engenharia de Produção, que é Administração de Empresas.

Como optativa?

Obrigatória. Acho que faz parte do básico para todas as engenharias. Fiz matérias de gestão: Gestão da Construção Civil, Gestão do Processo de Projeto.

Como está o mercado de trabalho para Arquitetura?

Tem muito trabalho sem carteira assinada, muitos e muitos escritórios. Meus amigos que estão estagiando, por exemplo, um ou outro está em empresa grande, mas a maioria está em escritório pequeno mesmo. Definitivamente, é uma profissão puxada, porque os projetos são intermináveis e você tem os prazos, uma coisa que estressa muito. Mesmo na faculdade, o que mais nos estressava era isso, ter datas para entregar, em tal dia, tal horário, tal lugar.

O que você almeja?

A minha intenção não é trabalhar em escritório de Arquitetura ou ter meu escritório. Para começar, com certeza eu vou buscar um estágio que tenha a ver com Engenharia Civil. Uma construtora seria muito interessante, a parte de coordenação de projetos ou gestão.

O que você diz sobre a preparação que teve até agora na FAU, a base para entrar no mercado de trabalho?

Querendo trabalhar mais um pouco com Engenharia, que vai para uma área mais técnica, eu sentia que precisava estudar mais. Eu almejei a Poli querendo suprir essa falta que eu tinha. Mas é muito relativo também. Depende do que você almeja como trabalho. Muita gente acha que está preparada e muita gente parte já para o final da graduação. Mas eu não me senti preparada, talvez pela falta da prática. Eu estagiei pouco. Acho que na graduação tem de estagiar mais mesmo.

O pessoal consegue estagiar com facilidade na FAU?

Acho bem difícil. Conheço pessoas do Mackenzie, que é em meio período, estagiando desde o 1º ano. O curso da FAU não permite que você estagie desde cedo. É uma opção que você tem lá dentro: se começar cedo, você vai ter de sacrificar uma parte de seus estudos. Nunca foi minha ideia sacrificar. Então optei por fazer só quando achasse que tinha horário mesmo.

Quando você fez estágio?

Fiz no ano passado, de junho a dezembro. Foi em um projeto do Instituto Butantã, que queria desenvolver um plano diretor. Isso envolvia diversas áreas, incluindo Arquitetura.

Como era o projeto?

Um plano diretor é um plano de diretrizes. A gente tinha de estudar tudo lá dentro. Desde estudar cada edifício, o estado em que estava, porque muitos dos edifícios hoje são tombados pelo Condephaat [Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico], a pensar em novos edifícios, novos laboratórios. O Instituto é muito antigo, renomado, mas há a incoerência de suas instalações não condizerem com o que ele é.

Foi seu primeiro contato fora da graduação ou você já tinha feito estágio antes?

Foi o primeiro relacionado a Arquitetura. Fora isso, fiz intercâmbio de dezembro de 2010 a março de 2011. Fui para os Estados Unidos e trabalhei numa estação de esqui no Novo México. Fui para lá por uma agência, fui com amigos do Etapa.

O que achou dessa experiência?

Nossa, recomendaria para todo mundo. Foi muito bom.

Você pretende fazer mais algum estágio até o final da graduação?

Com certeza. A grade está bem fechada com o número de disciplinas que eu preciso cumprir durante o programa FAU-Poli. Eu decidi que ia fazer pelo menos 28 créditos no primeiro semestre. No segundo semestre eu talvez tente fazer um pouco mais que isso, para no ano que vem estagiar.

No último ano da FAU, você terá quais matérias e trabalhos?

Terei o TFG, que é o trabalho final de graduação, uma única matéria obrigatória de 5º ano mesmo e mais duas optativas que eu precisarei cumprir. Todo o resto eu consegui cumprir antes.

Como o colégio foi importante para você?

Eu acho que foi mais a questão da disciplina, ser disciplinada, responsável. Acho que isso dentro de mim se formou um pouco no colégio. Agora que estou fazendo Engenharia, eu vejo que foi muito importante ter vindo de colégio forte. Para mim foi bom ter a disciplina de estudos diários. Tenho uma base sólida do colégio. O Etapa me fez ter a rotina com o estudo. Um esforço que acaba sendo natural.

Quais são suas recordações da época do colégio?

São muitas. Lembro bem das professoras, tem muitas histórias com os inspetores, que fazem parte de nossa vida aqui no Etapa. Tenho saudades dos tios e tias. Dos professores, não tem como, a gente sabe que foram importantes. Quando a gente pega uma matéria, "Nossa, aprendi isso no colégio", a primeira coisa que vem à cabeça é quem ensinou aquela matéria. Um período bom, sim.

Você tem ainda amigos aqui do colégio?

Tenho. Uma das melhores coisas de ter ficado tanto tempo no colégio foi ter feito amizades muito sólidas.

O que você diria a quem vai prestar vestibular no fim do ano?

Eu acho que é para sempre se esforçar o máximo que puder. Claro, dentro de seus limites pessoais. Mas chegar na prova sabendo que fez tudo que podia. O mais importante é ter aprendido, ter se esforçado. E não é por seu nome não estar numa lista que isso é ruim. Mesmo que você tenha de fazer o cursinho. Todo mundo que conheço que fez cursinho diz que foi um ano bom, um ano de amadurecimento, um ano de certezas sobre a carreira que queria seguir.

Você quer dizer mais alguma coisa para nossos alunos?

Vale a pena dar duro agora, que uma hora tudo volta. Acho que todo esforço é recompensado.